

Todos os pensadores que foram discutidos nas sextas feiras passadas tinham um característico em comum: o seu antirracionalismo. Neste sentido eram todos eles, sejam tão diferentes entre si como Kierkegaard e James, românticos no mais amplo sentido dessa palavra. Entretanto, a grande tradição racionalista que caracteriza o Ocidente e o distingue de todas as demais civilizações, não tinha morrido no curso do século 19. Conservou-se de duas maneiras. De um lado continuou prevalecendo nas cátedras das universidades. Todos os filósofos que discutimos eram, academicamente falando, outsiders, o que explica o clima de frustração que prevalece praticamente em todos eles. De outro lado o racionalismo continuou prevalecendo como tendência condutora do comportamento humano, tanto social como político, os homens se comportavam razoavelmente. No século 20 a situação é oposta. Os filósofos antirracionalistas do século passado tiveram eco no nosso. Nas universidades se perde a tradição racionalista, principalmente nas universidades alemãs, francesas e americanas. Na Alemanha imperam os professores existencialistas e afins, na França grassa a tradição bergsoniana com todas as suas facetas, e na América governam os pragmatistas. Na Inglaterra o caso é mais complicado e voltarei a ela no curso desta noite. Também no comportamento social e político o racionalismo foi derrotado. No campo social somos testemunhas de um enaltecimento da emoção e do emotivo, o qual resulta, no caso da geração mais nova, em fenômenos que podem ser classificados como uma psicose coletiva. No campo político sofremos as consequências de duas formas de antirracionalismo, a saber de um lado o sentimentalismo brutal que dá origem aos diversos nacionalismos, e de outro lado o empirismo político que dá origem à "Realpolitik", graças à qual nos estamos aproximando sempre mais da bomba. A face acadêmica e a face prática do nosso século é, portanto, resultado das filosofias do século passado. Mas a própria filosofia está sempre a alguns passos na frente do academismo e da prática, e os nossos pensadores atuais abandonaram, em grande parte, o antirracionalismo dos seus predecessores. Pretendo abordar, nas próximas sextas feiras, filósofos que estão, em sua maioria, ainda vivos, ou, se já morreram, mesmo assim pertencem à geração dos meus pais, são portanto pensadores do século vinte. Creio portanto necessário intercalar uma noite que se ocupe desse problema duvidoso (fragwürdig = digno de ser investigado, como diria Heidegger), do problema do porquê do antirracionalismo. Nietzsche, que era talvez o mais penetrante dos pensadores do século passado, identifica o racionalismo com o nihilismo, e diz dele que ele caracteriza todo pensamento ocidental pelo menos a partir de Platão. Creio que esta afirmação nietzscheana pode servir de ponto de partida para a investigação a ser empreendida. Creio que Nietzsche tinha em mente o racionalismo puro, cujo representante mais característico parece-me ser Hegel. Tentarei descrever, muito reduzidamente, esse modo de pensar da seguinte maneira: Quando passo em revista os processos que se desenvolvem em meu espírito, constato que podem ser distinguidos, grosso modo, três tipos: as sensações, as vontades (os apetitos como diriam os escolásticos) e os julgamentos. As sensações e as vontades não são puramente espirituais, elas têm ligações fisiológicas, vêm até a mim do meu corpo. Infelizmente em português não existe a diferença entre Leib e Koerper, mas os Lebensphilosophen diriam que sensação e vontade são "leiblich". Note-se, ainda, para aqueles que falam alemão, a ligação entre Leib e Leben. Os julgamentos, entretanto, nada têm de fisiológico, são espírito puro. Quem quiser imaginar um espírito sem corpo, deveria, por necessidade, conceder que esse espírito consiste somente de julgamentos. O ponto de vista ingenuo, alheio à reflexão, diria que as sensações e as vontades são a matéria prima dos julgamentos. Diria que o julgamento: "Isto é uma mesa" tem por matéria prima a sensação "mesa", e o julgamento: "Quero beber" tem por matéria prima a vontade, a saber a sede. Os empiristas dos séculos 17 e 18 dão prioridade às sensações, e derivam tanto vontade como julgamento delas. Os filósofos do século 19 dão prioridade à vontade, à vivência como diríamos hoje. São portanto essas as duas formas principais do antirracionalismo, uma que põe sua fé nos sentidos, a outra nos instintos. É verdade que o primeiro antirracionalismo conduz a uma mentalidade extrovertida e experimental, e o segundo a uma mentalidade introvertida e mística, mas já que podemos chamar o instinto, a intuição etc. como sentido introvertido, ambos antirracionalismos, são, no fundo, pragmáticos. Ambos não podem negar, embora o tentem, que a nossa capacidade de julgar, a nossa capacidade racional, é justamente aquela que nos distingue dos animais, os quais têm sensações e vontades pelo menos tão perfeitas como as nossas.

Da razão.

Os racionalistas, os menos ingenuos de todos, concedem a prioridade aos julgamentos pela razão seguinte: As sensações e as vontades são processos do meu espírito que julgo serem fisiológicos, mas os julgamentos são processos espirituais em próprio direito. Portanto o julgamento vem primeiro. Se supponho um substrato fisiológico à minha vontade, e fisiológico e depois físico à minha sensação, estou supondo uma realidade extra-espiritual, uma coisa em si, estou portanto fazendo algo que Kant me proibiu, embora ele mesmo não tivesse obedecido ao próprio mandamento. É verdade que faço essas suposições por assim dizer automaticamente. É verdade que aceito como que cegamente a realidade daquilo que sinto e quase nunca analiso a realidade daquilo que quero. Mas essa automaticidade não é prova racional do seu acerto. Essas suposições devem ser analisadas racionalmente para serem comprovadas ou desprovadas, nova demonstração da prioridade ontológica dos julgamentos. Daí-se vê claramente que o racionalismo é sempre idealista, conquanto o empirismo e o volutarismo podem ser tanto idealistas como materialistas, como paralelistas e assim em diante. Podemos compreender agora porquê Nietzsche chama o racionalismo de nihilista. Porque o racionalismo nega a prioridade ontológica de tudo a não ser julgamento, e porque Nietzsche nega a realidade do julgamento, portanto, visto a partir de Nietzsche, o racionalismo afirma a realidade do nada como única realidade.

Além dessa distinção ontológica entre as sensações e vontades de um lado, e os julgamentos do outro, existe ainda uma distinção formal de importância extrema. As sensações e as vontades se desenrolam aparentemente caoticamente, mas os julgamentos obedecem a regras. Eles obedecem a regras inatas do espírito, regras que informam o espírito inescapavelmente, a saber, a regras da lógica, mas não obedecem a elas cegamente. Temos a capacidade de desobedecer essas regras, e neste caso surge o erro. Os racionalistas podem divergir quanto à interpretação digamos metafísica dessas regras. Hegel, por exemplo, as interpreta como resultados da dialética do espírito, para dar somente o maior exemplo. Mas todos estão de acordo que essas regras, se obedecidas, revelarão a verdade, isto é resultarão em julgamentos certos. Temos aí um conceito absoluto da verdade, o qual revela a oposição diametral do racionalismo a qualquer interpretação pragmática do mundo. A verdade é algo a ser descoberto mediante reflexão metódica e ordenada, e não depende de experiências ou vivências, ou coisa parecida. No fundo o racionalismo é anticientífico, embora o queira esconder aos olhos dos seus admiradores.

O racionalismo puro, tal qual o desenhei rapidamente demais, é uma mentalidade dificilmente praticável. A realidade das nossas sensações e vontades é imperiosa demais para deixar-se, na prática, pôr em suspenso, como recomenda o racionalismo. Portanto, geralmente, o racionalismo se mostra pronto a transigir e a pactuar com o empirismo, como no caso de Marx, ou com o volutarismo, como no caso de Spinoza. Aliás, todo o edifício da ciência, tomada como epistemologia, não passa de uma tentativa de conjugar racionalismo com empirismo. Mas todas essas tentativas são, no fundo, insatisfatórias, porquê não conseguem sobrepuzar o abismo ontológico entre sensação e julgamento. O desespero diante do valor epistemológico da ciência, que começa a caracterizar as camadas mais esclarecidas da atualidade, tem a sua explicação básica nessa dicotomia entre racionalismo e empiria escondida pela ciência e que começa a revelar-se. A situação absurda do homem se torna evidente diante da nossa necessidade de sermos ou racionalistas ou antiracionalistas, de não existermos mais termos válidos ontologicamente. Pois bem, o século 19 escolheu o antiracionalismo. Mas o escolheu, conforme creio ter demonstrado nos textos feiras passadas, não tanto pelas razões acima expostas, mas por razões estéticas, se não permittem usar esta palavra para seu sentido mais original, a saber de *aistheton* "vivência".

O racionalismo conduz, necessariamente, ao formalismo, e, a não ser em casos dos maiores gênios, ao voluntarismo. Conduz àquilo que Dilthey chamaria de intencionalismo arcaico. A verdade, tirada justamente do formalismo racionalista, começa a maior produtividade, e cito, como exemplo típico, Mozart. Mas de um lado para o outro o racionalista é prejudicial àquilo que geralmente chamamos de visão intuitiva. O racionalismo não consegue diminuir perceptivelmente a nossa capacidade de ter sensações, ou me choco contra a dureza das coisas seja eu não seja racionalista. Mas a consciência intuitiva é muito menos desenvolvida, e ela sofre no curso do racionalismo. A primeira que morre é a intuição religiosa, e é justamente ela, conforme sentiram muito bem os pensadores do século passado, que dá conteúdo à vida. Também aqui retifico a generalização e reconhecemos os poucos gênios religiosos do racionalismo, por ex-

exemplo Tomás de Aquinas. Continua entretanto verdade que de maneira geral o resultado do racionalismo é aquela especulação seca, fechada em si e pedantica que caracteriza o idealismo alemão e que impressionou negativamente os "filósofos da vida". É contra este asfixiamento da intuição e consequente empobrecimento do conteúdo da vida que esses pensadores se insurgiram, e toda a sua filosofia deve ser interpretada como um esforço violento de sobrevida em nossa capacidade de intuir, de sentir, enfim de viver no sentido que o século 19 dá a essa palavra.

No começo do nosso século o resultado dessa tentativa começou a tornar-se patente. A intuição criadora revelou-se de não passar de um renascimento de instintos bestiais, ou de instintos mecânicos como os da formiga. O racionalismo cedeu lugar não ao famoso "supraracionalismo" (não sei bem o que os profetas desse conceito entenderam por ele), mas a bestialização ou a idiotisa progressiva. Não surgiu o superhomem, nem a supersociedade, e sim o homem-tigre e a sociedade de insetos. O antirracionalismo se revelou como decadente. Mas a volta pura e simples ao racionalismo do classicismo não mais é possível. Não podemos mais aceitar a psicologia que lhe serviu de base. Sabemos hoje que o edifício do nosso espírito é muito mais complexo, e que a parte irracional é muitas vezes mais profunda de que a parte onde a razão prevalece. A nossa capacidade racional aparece agora como uma camada fina que encobre precariamente o tumulto dos nossos instintos. A psicologia da profundidade, resultado do antirracionalismo do século passado, é, ao mesmo tempo, a sua melhor defesa. A ingenua fé na capacidade da nossa razão é nos vedada. Os filósofos do começo do nosso século estão, portanto, diante de um dilema. De um lado reconhecem a perniciosidade do antirracionalismo, do outro não podem fechar os olhos diante das evidências contra o racionalismo. As suas tentativas febris de achar uma saída desse dilema formará o tema das próximas sextas-feiras.

Nessas tentativas forma a Inglaterra uma posição de destaque. Nesse país, nos deu o empirismo mais puro na pessoa de Locke, e a refutação mais dramática desse empirismo, na pessoa de Hume, o século 19 teve um desenvolvimento ferrenho do continente. A filosofia inglesa, por razões que não posso discutir hoje, como que não abandonou o século 18. O utilitarismo e Spencer pertencem na realidade à iluminação, são contemporâneos com os fisiocratas como diria Dilthey. Foi por isto que não falei até agora neles, e lhes peço desculpas por esse descaso intencional e premeditado. E a filosofia oficial, nas pessoas de um Bradley e Bosanquet, era orthodoxamente hegeliana. Pode-se dizer que Hegel teve os seus maiores triunfos na Inglaterra. Era portanto na Inglaterra que a irrupção do antirracionalismo se fez sentir menos violentamente e aonde era mais fácil encontrar as bases de um renascimento de um formalismo racional, embora sem as pretensões metafísicas do racionalismo do passado. Na base dessas tradições surge um Whitehead, um Moore e um Russell.

Durante o século 19 a filosofia se tinha tornado um assunto quase que exclusivamente alemão, e fenômenos extra-alemaes como Kierkegaard, James e Bergson pertencem, fundamentalmente, à corrente que se desenvolveu na Alemanha. Agora isto não é mais verdade, e os pensadores alemães do nosso tempo que procuram reencontrar contato com a razão pertencem, intimamente, à corrente de pensamento inglesa, talvez sem saber-lo. Trata-se, no fundo, de dois grupos distintos. Um chamado comumente "a escola de Marburg", que é uma tentativa de modernizar Kant, e dentro da qual se destacam Cassirer e Hartmann. O outro chamada "escola de Viena", que é um tipo revolucionário de um neo-medievalismo e dentro do qual se destacam Wittgenstein e Carnap.

O pai de toda essa nova tendência de logicistas é Meinong. Tratarei, portanto, nas próximas sextas-feiras, desse tipo de filosofia, e tentarei introduzir a Vocês os pensadores acima citados. Como eu entre os lebensphilosophen e essas personagens novas falarei primeiro em Santayana. Somente depois de percorrido esse caminho sentirei-me capacitado de falar em Croce, (esse diltheyano heterodoxo), dos husserlianos, e finalmente do existencialismo.

Este é portanto o programa que me proponho. Antes porém uma palavra de cautela. O século 19 conseguiu demonstrar, em teoria e, agora também na prática que viver é perigoso (para usar a expressão de Guimarães Rosa, esse cripto-bergsoniano e essa melhor aproximação a uma filosofia brasileira da qual tenho notícia). Mas, ao mesmo tempo, nos fez esquecer, que pensar racionalmente é difícil. Os filósofos da vida podem ser profundos, e realmente acredito que o que nos dizem está cheio de um significado vital e imediato. Os filósofos logicistas parecem, em contraposição, mais rasos. Mas é muito mais difícil seguir-lhes o pensamento. São muito mais rigorosos. Com eles voltamos a

filosofar no sentido academico dessa palavra. Mas que isto nao seja um empecilho ao seu entusiasmo, digo que o pensamento rigoroso tem suas compensações em nada inferiores ao pensamento intuitivo ou inspirado. Finalmente quero dizer nesta oportunidade que a bifurcação do pensamento filosófico do presente momento em uma ala logicista e outra existencialista me parece ser coisa passageira. Tentarei, nas sextas feiras vindouras, elaborar em maior detalhe a tendencia que creio poder perceber na filosofia atual de reunificar-se. Desde já peço-vos de anotar mentalmente as considerações seguintes. O logicismo, em sua análise formal do pensamento humano, toma, como materia prima a ser analisada, a língua em seu aspecto sintactico, e a matemática, essa língua dehidrada à sua essencia lógica e formal. O problema do símbolo, do significado, e da relação entre símbolos tanto horizontal (como elos da mesma camada de significado), quanto vertical (como particular e classe), se torna o problema central desse tipo de filosofia. Eu disse há pouco que se trata, de certo aspecto, de um neo-medievalismo. Reaparece, sob novo manto, o problema do universal e particular, e a divisao dos pensadores em realistas e nominalistas. Em breve, reaparece a língua como a verdadeiro campo da filosofia. Pode-se resumir toda esta tendencia com uma frase de Carnap: "Tudo o que é pensável pode ser dito em palavras claras. E o que nao se pode dizer em palavras claras nao é pensável." Por outro lado, também o existencialismo está se aproximando, rapidamente, da língua. Já nao digo que toda a filosofia de Heidegger é, em ultima análise, um estudo fenomenologico da língua alemã, e mais particularmente das palavras "Sein" e "Wesen". Mas considerem a frase de Heidegger: "Somos uma conversação", e a sua distinção entre autenticidade e inautenticidade na forma de "Gespraech" e "Gerede" (conversação e conversa fiada). Concluimos por tanto que, para os logicistas, o irracionalismo conduz à salada de palavras, (aliás uma excelente expressao de Wittgenstein), e para os existencialistas a inautenticidade conduz à conversa fiada. Em outras palavras, ambos conduzem aquilo que James chamria de barulho. Torna-se portanto, para mim, mais que evidente que a reconciliação da filosofia, pelo menos quanto à sua esfera de aplicação está prestes de dar-se. Essa esfera é a língua. Ela terá, no futuro, prioridade ontológica sobre ideia, materia, vontade, neutral stuff e nao, sei que, mais, nao por razões metafísicas, mas por razões de simples metodologia. E quanto que todas as demais hipóteses pseudo-metafísicas estão inacessíveis, a língua é perfeitamente acessível tanto pelos sentidos, como pela razão, como pela capacidade intuitiva. Creio, entretanto, que mesmo em conjunto existencialismo e logicismo nao esgotam o problema posto diante de nós pela língua. A vivencia e a razão nao bastam para iluminar a língua. É preciso ainda essa terceira capacidade de gozar a língua, capacidade demonstrada pelos poetas e por aqueles que dizem ter ouvido vozes. O Deus dos judeus é invisível, mas ele é audível. Os raios que saíram da cabeça de Moisés eram consequencia das palavras que ele ouviu. Para compreender ao fundo o problema da língua, é necessária tentar mobilizar também essa capacidade dormente. Creio que uma análise assim orientada superará, senao metafisicamente, pelo menos epistemologicamente, a divisao entre racionalismo e irracionalismo e formará uma síntese criadora dos séculos 18 e 19, síntese no sentido hegeliano dessa palavra. Peço a sua indulgencia pelo fato de ter, eu, neste programa, posto a minha própria maneira de ver as coisas no ponto final do desenvolvimento da filosofia. Mas isto nao é pura soberba, mas uma simples necessidade organica de todo pensamento. As sextas-feiras futuras serao, muito mais que as passadas, investigações do nosso próprio pensamento, serao tentativas de definir a nossa própria posição diante de nós mesmos, diante dos demais homens, e diante do totalmente diferente. É portanto evidente que deverao resultar em algo que corresponde a uma declaração de fé nos nossos dias um tanto desprovidos de fé e desesperados.